



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

PSICOLOGIA ANALÍTICA E ACONSELHAMENTO PASTORAL: BUSCA DE MAIOR COMPREENSÃO SOBRE A ESPIRITUALIDADE

ANALYTICAL PSYCHOLOGY AND PASTORAL COUNSELING: SEEKING FOR GREATER UNDERSTANDING OF SPIRITUALITY

Rosane Göerg Oriques*
Júlio César Adam**

Resumo: O presente trabalho visa a abordar o papel da Psicologia Analítica, em alinhamento com a Teologia Prática, como facilitador no processo de compreensão da espiritualidade do indivíduo contemporâneo e de sua busca por sentido. Para tanto, traz levantamentos bibliográficos no intuito de demonstrar a relação entre ciência e religião, Psicologia e Teologia, passando por estudos sobre os entendimentos de Freud e Jung a esse respeito. Aponta para a dupla missão da Teologia Prática, como premissa para o afazer teológico e, ao mesmo tempo, como consciência crítica da Teologia, e ressalta a importância de ela estar em constante atualização com conhecimentos sociológicos e psicológicos. Aborda ainda os conceitos de Poimênica e Aconselhamento Pastoral, traçando uma análise no sentido de ambos compreenderem práticas que extrapolam o fazer ministros e ministras da igreja, sendo, portanto, a expressão da vida em comunidade. O estudo encaminha para o entendimento de que todos os conceitos abordados devem, de forma conjunta, ser postos a serviço da alma humana, num trabalho que entende a espiritualidade como a totalidade do ser humano, no tocante ao sentido e à vitalidade, ou seja, diz respeito à pessoa viver a sua existência de acordo com a dinâmica profunda da vida. Por fim, discorre a respeito da indissociabilidade da religiosidade e da espiritualidade da experiência humana e reforça a função da Psicologia Analítica no resgate de uma relação mais profunda do ser humano consigo e com Deus, por meio de processos como o da individuação.

Palavras-chave: Aconselhamento pastoral. Espiritualidade. Psicologia Analítica. Religião.

Abstract: The present paper aims to approach the role of the Analytical Psychology, in alignment with the Practical Theology, as a facilitator in the modern individual's process of spiritual understanding and in his seek for meaning in life. Therefore, it

* Rosane Göerg Oriques. Graduada em Psicologia/FEEVALE; Especialista em Religiosidade e Espiritualidade na Prática Clínica/PUCRS; Pós-graduada em Psicologia Analítica/IJRS/FAMAQUI; Mestrado em andamento em Teologia/FACULDADES EST/CAPEs. São Leopoldo/RS, Brasil. E-mail: oriquesrosane@gmail.com.

** Júlio César Adam. Graduado em Teologia/FACULDADES EST; Doutor em Teologia/UNIVERSIDADE DE HAMBURGO-ALEMANHA. Coordenador do grupo de pesquisa Espiritualidade, Religião vivida e Teologia Prática/ FACULDADES EST. São Leopoldo/RS, Brasil. E-mail: julio3@est.edu.br.

brings bibliographical surveys in order to show the relation between Science and Religion, Psychology and Theology, going through studies related to the knowledge brought by Freud and Jung about the topic. The article addresses the comprehension of the dual mission of the Practical Theology, such as the idea of it as a premise for the theological exercise and, at the same time, as the critical conscious of Theology, emphasizing the importance that the Practical Theology to remain in constant renovation of its social and psychological knowing. The paper also explores the concepts of Poimenics and Pastoral Counseling, pointing out an analysis of both as practices that go beyond the minister or the church experts' praxis, on the contrary, being the expression of community life. The survey refers to the understanding that all the covered concepts must be in favor of the human being's souls, in a cooperative way, so they may play a role which sees the spirituality as the fullness human being, either in terms of meaning or vitality. In other words, a conception of spirituality that concerns to the idea of one being able to fully live in accordance with the deep dynamic of life. Finally, it argues about the inseparability of religiosity/spirituality and the human experience, and stresses the Analytical Psychology role on the redemption of a deeper relation between the human being and God, through processes such as the one of individuation.

Keywords: Pastoral counseling. Spirituality. Analytical Psychology. Religion.

Introdução

“Deus nunca falou com o ser humano senão pela alma e a alma o entende, e nós percebemos isso como algo psíquico. Quem chama isso de psicologizar renega o olho que vê o sol”.¹

O que inspira esta pesquisa é o fruto de vários anos de estudos, observações e pesquisas no que tange à relação entre a psicologia e a religião. Da mesma forma, o fato de a autora vir de uma família religiosa que continuamente valorizou a questão da espiritualidade aguça essa busca por viver a espiritualidade, por estudar e constatar o quanto essa dimensão é importante para a grande maioria das pessoas.

Para surpresa, quando da candidatura ao estudo e ao trabalho de psicologia clínica — desde o ingresso na universidade, como acadêmica em Psicologia —, sentiu-se uma imensa lacuna no currículo oferecido, pois simplesmente não se falava em religião, religiosidade e espiritualidade. Essa realidade acadêmica definitivamente intrigava, inquietava e inquieta até os dias atuais.

¹ Carl Gustav Jung.

De lá para cá, esta autora passou por várias teorias psicológicas, estudando cada uma, buscando encontrar alguma com a qual se identificasse, aquela que fizesse sentido real, que se considerasse uma ótima ferramenta para ampliar a compreensão sobre o ser humano em sua totalidade e que alcançasse o máximo de eficácia em auxílio dos pacientes. Nenhuma que considerasse a religião ou a espiritualidade em profundidade foi encontrada.

A questão religiosa, essa dimensão do ser, era (e infelizmente ainda é) vista com muito preconceito, com muitas dúvidas por parte da Psicologia, sendo, em alguns casos, um assunto indesejado, desconsiderado.

O que se ouvia e se estudava era que a religião, a fé, a crença religiosa eram nada mais nada menos do que experiências vividas como meros mecanismos de defesa, que amparavam, protegiam o ser humano da angústia, da dor, do materialismo e do termo da vida. Inconformada com essa realidade, foi-se em busca de respostas.

Ao estudar a Psicologia Analítica, teoria desenvolvida por Carl Gustav Jung, que vê o ser humano em sua totalidade, incluindo a dimensão religiosa, foi quando respostas foram encontradas; complexas, certamente, mas profundas o suficiente para trazer *sentido*.

Ainda em relação à Psicologia, surpreendeu saber o fato de que muitos teólogos, assim como teólogas realizavam a formação em psicanálise. Essa realidade causou inquietação. Por quê? Bem, sabe-se que Sigmund Freud elaborou sua teoria sobre a questão da Religião, assim como Carl Jung. Freud, no que considera a gênese psíquica das ideias religiosas, em sua obra *O futuro de uma ilusão e outros textos*, encontramos a seguinte reflexão:

Como já sabemos, a terrível impressão deixada pelo desamparo da criança despertou a necessidade de proteção – proteção através do amor -, fornecida pelo pai; e a compreensão de que esse desamparo continua por toda a vida motivou o apego à existência de outro pai – agora mais poderoso.²

Por outro lado, para Jung, a experiência religiosa faz parte de um fenômeno psíquico, e acrescenta:

Se tentarmos definir a estrutura psicológica da experiência integradora, curadora, salvadora e abrangente, parece que a fórmula mais simples que

² FREUD, Sigmund. *Obras completas*, vol. 17. **Inibição, sintoma e angústia**: o futuro de uma ilusão e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 266-267.

podemos encontrar é a seguinte: *na experiência religiosa, o homem se depara com um outro ser, espiritual, superpoderoso.*³

Partindo da análise dessas duas linhas, e analisando os conceitos de Espiritualidade, Teologia, Psicologia Analítica, Poimênica, Aconselhamento Pastoral e Prática Clínica, esta pesquisa apresenta, de forma resumida, algumas ideias pelas quais tem passado nesta busca por respostas.

O pensamento de Freud

Freud era ateu e compreendia a religião como uma forma de alienação, como neurose a ser ultrapassada, vencida pelo raciocínio lógico, pela razão. É claro o exame ácido que Freud assinala em relação às instituições religiosas, embora não fique extremamente claro quando suas críticas apontam para as instituições ou para o sentimento das pessoas sobre a religião. Não demonstra querer dar valor ao sentimento mais do que à instituição ou vice-versa.

Em determinado momento de sua escrita, faz a seguinte colocação: “[...] o que talvez seja o mais importante elemento do inventário psíquico de uma cultura: suas ideias religiosas no mais amplo sentido — em outras palavras, a serem justificadas mais adiante, suas ilusões”.⁴

Em 1908, o reverendo Oskar Pfister havia se aliado ao movimento psicanalítico e tinha como objetivo aplicar a técnica psicanalítica no ofício pastoral, junto das almas. Pfister foi o precursor da psicanálise na Suíça alemã, adquirindo elevada importância para Freud, com quem manteve trinta e poucos anos de uma amizade baseada na admiração mútua e no afeto, apesar de toda a dissensão em questões de fé e de prática clínica. Consideramos importante ressaltarmos nesse momento, o pensamento de Pfister em relação a essa questão, trazendo de uma carta sua dirigida à Freud:

Assim, preciso situar o inconsciente dentro da totalidade da vida anímica, esta na sociedade, no cosmo e suas realidades transempíricas. [...] Portanto, persiste entre o senhor e mim esta grande diferença: Eu pratico a análise dentro de um plano de vida, que o senhor, com bondosa consideração, tolera

³ JUNG, C. Gustav. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2013a, p. 52.

⁴ FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 17. Inibição, sintoma e angústia: o futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 245.

como condição da minha profissão, enquanto eu não considero esta visão da vida apenas como poderoso fomento para a cura (na maioria das pessoas), mas justamente como consequência de uma filosofia mais condizente com a natureza humana e o cosmos, que ultrapassa o naturalismo e o positivismo, e que é bem fundamentada em termos de higiene da alma e da sociedade.” “Situar o inconsciente dentro da totalidade da vida anímica” - este o eixo teórico da compreensão psicanalítica de Pfister; “praticar a análise dentro de um plano de vida” - esta a singularidade da sua prática analítica.⁵

Quando redigiu *O futuro de uma ilusão*, Freud enviou correspondência a Pfister, comunicando-o a respeito da relação da obra com ele. A obra apresentava, de todas as formas possíveis, posicionamento totalmente negativo de Freud para com a religião. Apesar de isso não ser novidade para Pfister, a confissão pública poderia soar constrangedora a ele, que, ainda assim, reagiu de uma maneira adequada e, também por correspondência, afirmou que optaria sempre por um cético, por um ateu (desde que sensato) do que por vários crentes sem valor.⁶

Mais tarde, em *A ilusão de um futuro*, lançado na sequência do texto anterior, na precursora revista psicanalítica *Imago*, o reverendo dizia, de forma amistosa, que escrevera o texto a favor de Freud, e não em oposição a ele, uma vez que, ao fim e ao cabo, qualquer um que ingressasse na psicanálise, era por Freud que lutava. Assim, habilidosa e inteligentemente, o reverendo havia alterado os papéis com o antigo amigo e apontava Freud — até então, um pessimista incorrigível — como um otimista impecável. Pfister objetou, dessa forma, afirmando que não era o conhecimento o que assegurava o progresso, o desenvolvimento, a evolução. Segundo ele, a ciência fria e seca em tempo algum poderia conquistar o lugar da religião, pelo simples fato de não poder suscitar valores morais.⁷

Em resposta, Freud disse que a sua teoria — a psicanálise — não seria nem religiosa nem irreligiosa, podendo ser usada tanto por religiosos como por pessoas desconhecedoras do assunto, desde que o propósito de ambos fosse o de aliviar a aflição de quem sofre.⁸

Fundamental dizer que no século passado, à semelhança do que ocorre ainda atualmente, por parte de pessoas dedicadas ao assunto, a psiquiatria entendia como

⁵ WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **O amor e seus destinos**: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise. 2. ed. Sinodal, 2011, p. 64.

⁶ FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 17. Inibição, sintoma e angústia**: o futuro de uma ilusão e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁷ FREUD, 2014.

⁸ FREUD, 2014.

fonte das perturbações mentais as causas orgânicas, e, portanto, as intervenções eram essencialmente sobre o corpo. Assim, suas pesquisas se faziam preponderantemente baseadas nas disfunções orgânicas, ou, dito de outra forma, nas doenças físicas.

Dessa forma, Freud dificilmente sairia ileso a estas influências, não tendo constituído tarefa fácil romper com muitos dos conceitos que prevaleciam na época, aos quais a psicanálise era contrária.

Sigmund Freud sentia um profundo anseio para que sua teoria se tornasse uma disciplina científica, pois no seu entendimento eram as mesmas as leis que sustentavam o mundo físico e a mente. De qualquer forma, e de maneira extremamente objetiva, Freud não compreendia a religião como algo “real, valoroso, intrínseco ao ser humano”. Já Carl Gustav Jung considerou e estudou profundamente a religião e a religiosidade durante toda sua existência, o que constituiu questão fundamental em sua vida, tanto pessoal quanto profissional.

O pensamento de Jung

Foi no trabalho terapêutico que Jung buscou aprofundar o estudo da psique humana de uma maneira muito singular, procurando bases para seus estudos e pesquisas nas manifestações religiosas em várias culturas, no estudo comparado das religiões e nas distintas vivências religiosas.

Em relação a esse ponto, especificamente, é importante salientar que chamava a atenção de Jung o fato de a Teologia ter se voltado tanto à Psicanálise e, nesse sentido, o fundador da Psicologia Analítica se manifesta em uma carta escrita para Andrew R. Eickhoff, em 07 de maio de 1956: “sempre fiquei surpreso por que exatamente os teólogos são tão entusiastas da teoria de Freud, pois é difícil encontrar algo mais hostil às suas pretensas crenças. Este fato curioso me deu muito o que pensar”.⁹

Jung voltou-se para a religião no decorrer de toda sua vida, mas a religião não se identificava em sua obra. Representantes religiosos julgavam Jung como um cientista que intencionava restringir a teologia, assim como a metafísica, a causas

⁹ JUNG, Carl Gustav. **Cartas de C. G. Jung**: volume I. Petrópolis: Vozes, 2003a, p. 20.

psicológicas. Nesse sentido, a religião considerava que Carl Jung estaria afirmando que tudo o que é religioso estaria sendo diminuído ao patamar da subjetividade humana, assim como da imaginação. Em razão disso, foi acusado de “psicologismo”, o que não correspondia à realidade de sua obra.

Ele buscava, na verdade, construir um caminho para o metafísico, não colhendo justificativas racionais para minimizar a metafísica, mas lutando para buscar a harmonia entre a ciência e a religião por meio da psicologia. Enfrentou, contudo, inúmeras dificuldades, contestações e má vontade em cada movimento, não sendo compreendido nem pela ciência nem pela religião. Embora tenha lutado para fortalecer um lugar entre essas duas concepções, foi desconsiderado por ambas as áreas, cada uma em seu próprio universo.

Na tentativa de apresentar uma ideia do pensamento de Jung sobre essa questão, considera-se importantíssimo, aqui, registrar na íntegra uma carta que enviou como resposta ao pastor Dr. C. Damour:

Prezado Pastor Damour,

Muito obrigado por me enviar seu artigo. É pena que seu escrito tenha sido recusado pela redação do NZZ. A tutela do público através da censura intelectual, feita por redatores preconceituosos, sempre me dá nos nervos. O seu artigo é realmente muito sensato e muito melhor do que a conciliação insossa de X. Não se pode rasgar a humanidade em duas partes, entregando uma aos médicos e outra aos teólogos. Vale hoje para os teólogos o mesmo que aconteceu aos médicos: assim como o médico teve que aprender sempre de novo para entender o problema psíquico de um neurótico, também a teologia deve fazer o seu sacrifício para ter alguma probabilidade de êxito neste problema que é o mais difícil de todos. Além do mais, o jornal *Neue Zürcher Zeitung* nunca me pediu para escrever um artigo conclusivo. Enquanto possível não utilizo a imprensa. A objeção de Barth sobre a psicologização da experiência religiosa e que, pelo que percebo, o senhor também endossa, corresponde a um preconceito que não se justifica. Sabe Barth ou alguém mais o que é o inconsciente, ou pretende talvez Barth provar que a experiência religiosa provém de outra fonte que não seja a psique? As autoridades religiosas em que me baseio neste caso são Tertuliano e Mestre Eckhart, sem falar da minha própria experiência que me trouxe muito mais conhecimento da psique humana do que a escrivanhinha do Senhor Barth. Aqui está precisamente a razão por que os teólogos, conforme eles mesmos confessam, não sabem o que fazer com a psique do doente. A psique humana e os panos de fundo psíquicos são subestimados em larga escala. Como se Deus falasse aos homens exclusivamente através do rádio, dos jornais ou dos sermões. Deus nunca falou de outro modo aos homens que não na e pela psique; e a psique o compreende, e nós o experimentamos como algo psíquico. Quem diz que isso é psicologização nega o olho que enxerga o sol.

Tomei a liberdade de ficar com o seu artigo para o caso de eu ainda escrever algo sobre este assunto. Se o senhor o permitir, eu faria a devida citação. Mais uma vez agradecido e atenciosamente. C. G. Jung.¹⁰

Esta autora considera esse ponto específico como um dos complicadores para que uma certa incompreensão e distanciamento sejam mantidos entre a teologia e a psicologia analítica.

Teologia e Teologia Prática

Enveredando, agora, à Teologia, esta é considerada como a “ciência ou o estudo que se dedica a Deus, às suas características, às suas particularidades e às suas relações estabelecidas com o universo e com o homem”. Compreende-se como “a reunião das normas e princípios que regem uma religião”, como “doutrina”. Seria “a reunião dos dogmas religiosos”.¹¹

De acordo com Bingemer¹², a palavra teologia vem do grego *theología*, significando “*ciência dos deuses*” e compreendendo, portanto, o “estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade — de seus atributos e relações com o mundo e com o ser humano — e à verdade religiosa”.

Em relação à Teologia Prática, especificamente, traz-se aqui a seguinte reflexão:

A nossa situação de teólogos práticos é, sem dúvida, peculiar. Somos solicitados a nos posicionar sobre questões que dizem respeito a muitos temas que se situam no limite entre a teologia e outras áreas do conhecimento humano. Para fazê-lo, precisamos de conhecimento oriundos não só de todas as disciplinas teológicas, como também de conhecimentos sociológicos e psicológicos que a abordagem de uma temática não raro requer.¹³

De acordo com Hoch, cabe à Teologia Prática uma dupla missão, sendo a primeira delas a de seu papel como premissa para o afazer pedagógico:

Ela é premissa de todo afazer teológico na medida em que mantém as antenas voltadas para o mundo e coleta os temas atuais e os desafios que requerem um posicionamento por parte da teologia e da igreja. À Teologia Prática cabe a tarefa de ser um posto avançado de escuta das preocupações e angústias que atormentam as pessoas e a sociedade na atualidade. Desse

¹⁰ JUNG, Carl Gustav. **Cartas de C. G. Jung**: volume I. Petrópolis: Vozes 2003a, p. 113-114.

¹¹ TEOLOGIA. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023.

¹² BINGEMER, Maria Clara. **Teologia e literatura**: afinidades e segredos compartilhados. 2014, p. 1.

¹³ HOCH, Lothar Carlos. O lugar da teologia prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christopher; ZWETSCH, Roberto E. **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011, p. 24.

modo ela preserva a teologia da introversão e da cegueira para a realidade que a cerca. Para desempenhar esse papel, entra em diálogo direto com as ciências sociais e se assessora das mesmas, pois só assim obterá uma visão acurada das coisas. A Teologia Prática é a interlocutora privilegiada da teologia com as ciências sociais.¹⁴

Também de acordo com o autor, seria atribuição da Teologia Prática sua atuação como consciência crítica da teologia, cujo entendimento seria o seguinte:

A Teologia Prática pergunta em que medida se alcança a finalidade última da teologia, a saber, a de se tornar prática responsável e eficaz da fé cristã. Teologia que não se destina à transformação do mundo e da própria igreja perde sua vinculação com o evangelho transformador e questionador de Jesus Cristo. Torna-se uma ciência estéril. A Teologia Prática contribui para salvaguardar a relevância da teologia e da atuação da igreja para a atualidade. Em outras palavras, a Teologia Prática julga se a prática da igreja é coerente com os postulados e com o discurso teológico que ela emite. Nesse sentido ela é a consciência crítica tanto da teologia quanto da igreja, que, para permanecer fiel à sua vocação, precisa ser *ecclesia semper reformanda*.¹⁵

Hoch ainda ressalta que a igreja não deve restringir-se a apenas ouvir a avaliação que procede de seu próprio círculo. A Teologia Prática necessita ser igualmente mensageira dos que, fora da igreja, indicam a coerência ou a incoerência de sua práxis. E ressalta: “Como posto avançado de escuta da igreja, a Teologia Prática é advogada do mundo junto à igreja”.¹⁶

Portanto, pode-se compreender que cabe à Teologia Prática observar, aperceber-se das necessidades da sociedade, buscar modernizações, estar atenta às transformações que ocorrem na sociedade, às carências e anseios do ser humano, aos resultados dos estudos entre a ciência e a religião, a fim de acolher as pessoas de forma mais “horizontal, mais abrangente e integral”.

Já em relação aos termos Poimênica e Aconselhamento Pastoral, encontra-se, em Schneider–Harpprecht e Zwetsch¹⁷, a definição do primeiro como “o ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para outras pessoas que a procuram na área da saúde, através da convivência diária no contexto da igreja”, sendo o segundo definido como “uma dimensão da poimênica que procura ajudar

¹⁴ HOCH, 2011, p. 32.

¹⁵ HOCH, Lothar Carlos. O lugar da teologia prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER–HARPPRECHT, Christopher; ZWETSCH, Roberto E. **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011, p. 33, grifo do autor.

¹⁶ HOCH, 2011, p. 34.

¹⁷ SCHNEIDER–HARPPRECHT, Christopher; ZWETSCH, Roberto E. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER–HARPPRECHT, Christopher; ZWETSCH, Roberto E. **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011, p. 256-257.

através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas”.

Portanto, baseiam-se na fé cristã, assim como na tradição simbólica do cristianismo, sendo o objetivo do aconselhamento pastoral o de encontrar com os seres humanos em distintas situações da sua existência, principalmente em situações de conflitos e crises, resgatando a significação real da liberdade cristã dos pecantes, a respeito da qual se tem que o direito de viver, assim como a autoaceitação, chega pela graça de Deus.

Também se compreende como seu objetivo o de auxiliar as pessoas para que consigam vivenciar a relação com Deus, consigo mesmas e com a comunidade, de forma consciente e adulta. Está incluído nesse processo, capacitar os indivíduos para responsabilizarem-se como cidadãos que se colocam à disposição para buscar melhores condições de vida para seus iguais, em uma sociedade independente, democrática e justa. Tanto a Poimênica quanto o Aconselhamento Pastoral são basicamente uma expressão da vida da comunidade, e não um afazer reservado a pastores, pastoras e outros especialistas da igreja.¹⁸

Jung deixou claro que seu interesse pelos símbolos religiosos foi imenso, e que como terapeuta e médico psiquiatra, considerava necessário indicar para seus pacientes que a nascente da cura que se situava dentro da própria psique, era a mesma fonte do nascedouro da experiência religiosa. Encontramos seu pensamento nesse sentido, em sua obra *Símbolos da Transformação*:

Hoje em dia o médico psicoterapeuta precisa esclarecer as bases da vivência religiosa a seus pacientes e até lhes mostrar o caminho que os leva até onde uma tal vivência se torna possível. Se, por isso, como médico e cientista, analiso os complicados símbolos religiosos e procuro remontar às suas origens, faço-os exclusivamente com a finalidade de conservar, pela compreensão, os valores que eles representam e levar os indivíduos a pensar de novo simbolicamente, como os pensadores da Igreja antiga. Isto jamais foi dogmático e estéril. [...] Este modo de ver não atinge mais o homem moderno. Por isso é preciso encontrar um caminho para que este possa voltar a participar espiritualmente do conteúdo da mensagem cristã.¹⁹

As páginas de um artigo não comportam o desenvolvimento realmente amplo de qualquer tema, mas no que se refere a relação básica que pode ser feita entre o

¹⁸ SCHNEIDER–HARPPRECHT, Christopher; ZWETSCH, Roberto E. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER–HARPPRECHT, Christopher; ZWETSCH, Roberto E. **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

¹⁹ JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação**: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c, parágrafo 340, p. 275.

aconselhamento pastoral e a teoria junguiana, consideramos primeiramente o fato de a Psicologia Analítica reconhecer a religiosidade e a espiritualidade como algo que faça parte da constituição do ser humano, partindo-se dessa forma de um entendimento global do indivíduo e de visão de mundo. Portanto, prática clínica constitui um conjunto de princípios que especificam o psiquismo humano assim como sua dinâmica considerando a religiosidade como condição indispensável, básica, intrínseca.

Semelhantemente, encontramos na escrita de Ulanov, psiquiatra, membro da Associação Psicanalítica Junguiana e professora de religião no Union Theological Seminary:

A energia que constitui nosso instinto para a religião vai para algum lugar. Se não é destinada ao seu fim, ficará maníaca ou transformará os bens finitos em ídolos. Jung nos alerta: “Não é indiferente nomear algo como uma “mania” ou como um “deus” [...] Quando o deus não é reconhecido, desenvolve-se a mania do ego, e dela vem a doença. O instinto religioso também possui uma função social. A nossa real ligação com a autoridade transpessoal evita que sejamos carregados pelos movimentos de massa. [...] Quando nos sentimos vistos e conhecidos por Deus, qualquer que seja a maneira como o expressemos, encontramos força para assistir às pressões das coletividades em nome da verdade, da alma e da fé. [...] nas situações clínicas, o reconhecimento da força do instinto religioso pode nos salvar de humilhações e de depressões abismais.²⁰

Espiritualidade

Em relação ao termo Espiritualidade, pode-se dizer que busca designar a totalidade do ser humano, quanto ao sentido e à vitalidade, ou seja, diz respeito à pessoa viver a sua existência de acordo com a dinâmica profunda da vida. É uma construção difícil, que envolve a interioridade da pessoa e está, sem dúvida, ligada à busca de um sentido.²¹

A espiritualidade é fundamental para alavancar o desenvolvimento de uma sociedade realmente humana. Cada indivíduo a define de forma pessoal e particular, sendo necessário, para ser considerada verdadeira, voltar-se com amor profundo a tudo o que seja humano. A cada dia percebe-se o crescimento, na sociedade, por uma busca de opinião firme, com bases em provas e, principalmente por razões pessoais,

²⁰ ULANOV. **Compêndio da Cambridge sobre Jung**. 1. ed. Madras, 2020, p. 423 – 424.

²¹ TEIXEIRA, Evilásio. Prefácio. In: SILVA, Leonardo Machado da. **Psicologia & Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

íntimas sobre a dignidade do ser humano. A esse respeito, as palavras de Evilásio Teixeira, no prefácio da obra *Psicologia e espiritualidade*²², se referem à espiritualidade como:

A valorização do corpo: o ser humano como corporeidade, factualmente colocado em diálogo com o semelhante, com a criação; este convívio nos leva ao salvamento humano;

Solidariedade humanitária e cósmica: o espírito está de forma clara e ativa em cada ser humano, assim como em toda a criação, no processo evolutivo das eras, assim como em todas as expressões religiosas. Trata-se de expandir a fronteira da real espiritualidade cristã e, ainda, das diferentes espiritualidades;

Espiritualidade da escuta: se aceitamos o fato de que o Espírito clareia e conduz, propõe cada coração humano, a espiritualidade necessita vivenciar a escuta. Nesse sentido, o pluralismo religioso, a compreensão, a calma e o respeito são condições, e por que não dizer, requisitos fundamentais para viver-se uma legítima espiritualidade;

Espiritualidade que acolhe a diferença: bem compreendida e vivida, a espiritualidade leva ao brotar do amor no nosso coração, ao amor incondicional, que consegue acolher a qualquer um, incluindo as diferenças;

Espiritualidade ecológica: a real espiritualidade jamais se distancia dos outros mortais, do universo, do planeta que Deus colocou em nossas mãos;

Espiritualidade da compaixão: aqui, voltamo-nos para refletir sobre a espiritualidade como competência de vivenciar a compaixão. A compaixão move a matriz, a base mais intrínseca do indivíduo como ser espiritual.

Exegeticamente, compaixão significa que todas as entranhas se revolvem para sentir com todo o corpo a dor do outro. A compaixão, portanto, supõe a identidade de todos os seres no fato de que a dor não pertence exclusivamente àquele que padece, senão a todo o ser. Uma vez que tudo tem a ver com tudo e conseqüentemente encontra unificação no coração de Deus.²³

Ainda em relação à espiritualidade, nas últimas décadas, foi possível observar um aumento no número de indivíduos que se dizem *spiritual, but not religious*, ou seja, “espiritual, mas não religioso”. Isso diz respeito ao crescimento de uma forma de

²² SILVA, Leonardo Machado da. **Psicologia & Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

²³ TEIXEIRA, Evilásio. Prefácio. In: SILVA, Leonardo Machado da. **Psicologia & Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 9.

religiosidade que se pode chamar de metafísica moderna, contemporânea, compreendendo uma espiritualidade sem relação com igreja, mas eclética e psicológica.

Historicamente, não se estabeleceu uma discriminação clara entre espiritualidade e religião. Esse discernimento surgiu junto à ascensão do secularismo, gerando, assim, uma frustração pública em relação às organizações religiosas. Dessa forma, ainda que a religião e a religiosidade englobassem as dimensões individual e pessoal, bem como a institucional, a expressão “espiritualidade” surgiu como um algo particular, que se une à transcendência individual, como algo sensitivo que busca por sentido. A expressão “religiosidade”, por sua vez, foi se convertendo em um conceito reduzido à organização formal, às instituições, à teologia e aos rituais.

Essa compreensão, assim como a busca pela experiência da espiritualidade, vem visivelmente crescendo na sociedade atual.²⁴

Psicologia Analítica

A palavra “espiritualidade”, como é usada atualmente, não era comum na época de Jung. Religiosidade e Religião eram as nomenclaturas estabelecidas. Jung foi um estudioso, um pesquisador, que refletiu psicologicamente sobre o todo que envolve a psique. Constatou o quanto a religião faz parte da vida psíquica, além de reconhecer que a religiosidade é um dos agentes fundamentais para a cura. Na análise e na terapia, surgem temas religiosos, questões sobre o sentido da vida, o que Jung considera de fundamental importância. A questão religiosa, desde sempre, foi compreendida por Jung como sendo inerente ao processo de análise, assim como ao processo de individuação. Ao tratar e buscar recuperar a saúde do ser humano em sua totalidade, o espaço e o tempo da terapia devem também se voltar para o numinoso, para a busca de sentido, para tudo o que envolve as questões espirituais e religiosas, que são inseparáveis da existência humana.

²⁴ ALMINHANA, Leticia Oliveira. A personalidade como critério diferencial entre experiências religiosas/espirituais e transtornos mentais. In: SILVA, Leonardo Machado da. **Psicologia & Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

Jung afirma, de forma enfática: “Assim como o corpo precisa ser nutrido, não com um alimento qualquer, mas só com aquele que lhe convém, assim a psique tem necessidade do *sentido* de sua vida”.²⁵

A religião, aquela que tem por missão auxiliar as almas nas suas dificuldades, sofrimentos e conflitos, está representada por sistemas teológicos que carregam seus pressupostos teóricos. Entende-se que a religião, em sua profunda manifestação espiritual, deve estar capacitada e atualizada — sem renunciar a sua essência — para que sua atividade gere o maior número possível de pessoas de bem, que se sintam em harmonia em sua própria essência, fortalecidos e fortalecidas para o enfrentamento de sua realidade, conscientes na busca de seu próprio desenvolvimento como seres humanos, de forma que a sociedade, assim, possa evoluir como um todo.

O entendimento da Psicologia Analítica é semelhante nesse sentido. O ser humano — em seu processo de individuação, e não de individualismo, consciente de sua responsabilidade consigo mesmo, com os que o cercam e com o mundo — e a espiritualidade que carrega, e que aprofunda o sentido maior, são o norte da Psicologia Analítica.

Para Jung, tornar realidade em nossa vida a orientação que para ele vem registrada em nossas almas - através do Self - é o que cura nossa unilateralidade, tendo como resultado a saúde naquilo que isso significa em toda sua amplitude. Na Psicologia Analítica, o Self é transcendente, ou seja, não é definido pelo domínio psíquico, não estando nele limitado, mas, ao contrário. Portanto, nesse sentido, quando o ego se vincula ao Self, a pessoa consegue manter essa relação com o centro transcendente, e assim desvincula-se de interesses mesquinhos, egoístas, narcísicos, procurando vantagens a curtíssimo prazo.

Concluindo, imagina-se que seja esse o motivo pelo qual Carl Gustav Jung colocou o conhecido e misterioso oráculo de Delfos, gravado em pedra, acima da porta principal de sua casa, em Küsnacht, nos arredores de Zurique: “*Vocatus atque non vocatus Deus aderit*”, cuja tradução é “Chamado ou não chamado, Deus estará presente”.

²⁵ JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 371, grifo do autor.

O próprio Jung em uma outra carta sua, datada de 19 de novembro de 1960, explica que ao inscrever essa frase na entrada de sua casa, fez questão de, diariamente, lembrar a si mesmo, assim como a seus pacientes, do Salmo 111:10: “*Timor dei initium sapientiae*”²⁶: O Senhor é o princípio da sabedoria.

Pode-se, assim, concluir pela importância da harmonia, do enriquecimento mútuo entre a Teologia, a Psicologia analítica e a Espiritualidade a benefício do ser humano.

Considerações Finais

Neste artigo, buscou-se analisar a ligação entre as áreas da Psicologia Analítica e da Teologia, com o intuito de aproximar as abordagens num movimento de resgate da espiritualidade do indivíduo contemporâneo. Tentou-se estabelecer um nexos entre Aconselhamento Pastoral e Poimênica e a Espiritualidade, mais precisamente tratando o primeiro como ferramenta a serviço do homem e de sua procura por sentido. Nessa senda, trabalhou-se com a linha de pensamento de Carl Jung, para quem o centro da Psicologia é justamente o trabalho com o aspecto espiritual do ser humano.

Partindo ideia de que a espiritualidade é parte importante no tratamento de pacientes, e identificando aí uma lacuna no quesito religiosidade, esta pesquisa tentou elencar pontos capazes de minimizar essa lacuna. Viu-se que a área da Teologia chegou a estudar Psicanálise, e que não foi esse o caminho para uma maior aproximação entre Psicologia e Religião, sendo isso o que se busca de modo mais efetivo a partir dos estudos de Jung.

Observou-se que a visão da Espiritualidade, e de sua relevância dentro da prática clínica, como o elemento que nos direciona à totalidade da qual (e para a qual) somos feitos, se destaca justamente na fala de Jung e sugere-se que esse movimento poderia/deveria ser corroborado pela Teologia, dentro da Teologia Prática. Em outras palavras, acredita-se que, assim como a Psicologia deveria valorizar mais a questão da Religião, da mesma forma também o contrário deveria ocorrer.

²⁶ JUNG, Carl Gustav. **Cartas de C. G. Jung**: volume III. Petrópolis: Vozes, 2003b, p. 304.

Também foram ponderadas questões relativas ao distanciamento que se criou, e que parece crescer a cada dia, entre religiosidade e espiritualidade, situação evidenciada pela visível frustração da sociedade com as instituições religiosas no geral. A esse respeito, refletiu-se que, embora o indivíduo contemporâneo busque desenvolver sua espiritualidade, o faz de maneira desconectada de qualquer esfera religiosa; como se o conceito de religião tivesse, com o tempo, minguado; como se a teologia e a atuação da igreja como entidade deixassem de ser consideradas relevantes por uma parcela grande de pessoas na atualidade.

Tendo abordado e dissertado a respeito de todos esses pontos, é que se chegou a considerações como as que seguem: propõe-se que a Teologia Prática busque operar como uma ciência que reconhece e leva em conta as situações externas advindas de uma sociedade que é cada vez mais plural e complexa, a fim de atuar de forma mais abrangente e horizontal; que a espiritualidade seja tratada em sua inteireza, ou seja, como uma espiritualidade que é corpórea, solidária, de escuta, ecológica, compassiva e acolhedora de diferenças; que a Psicologia Analítica de Jung seja reconhecida como a que caminha nesse viés, uma vez que tem a espiritualidade como o centro dos processos de cura de almas; ainda, que religião e ciência, Teologia e Psicologia procurem se harmonizar nesse caminho, de forma a trabalharem juntas no resgate de sentido da vida humana, colaborando, assim, com a evolução do homem e, por conseguinte, da sociedade como um todo. Assim, estar-se-ia ao mesmo tempo diminuindo a lacuna que as separa e, em última instância, aproximando novamente o ser humano de seu criador.

Para finalizar, cabe trazer o pensamento de Dourley que afirma: “na profundidade da alma a tarefa psicológica e a tarefa religiosa são uma só”.²⁷

Referências

ALMINHANA, Letícia Oliveira. A personalidade como critério diferencial entre experiências religiosas/espirituais e transtornos mentais. In: SILVA, Leonardo Machado da. **Psicologia & Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

BINGEMER, Maria Clara. **Teologia e literatura (afinidades e segredos compartilhados)**. Publicado em maio-junho de 2014 - ano 55 - número 296.

²⁷ DOURLEY, John P. **A psique como sacramento**: C. G. Jung e P. Tillich. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 69.

Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-teologicos/teologia-e-literatura-afinidades-e-segredos-compartilhados/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

DOURLEY, John P. **A psique como sacramento**: C. G. Jung e P. Tillich. Tradução Elisabeth G. M. L. Jansen. Revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1985.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 17. Inibição, sintoma e angústia**: o futuro de uma ilusão e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HOCH, Lothar Carlos. O lugar da teologia prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER–HARPPRECHT, Christopher; ZWETSCH, Roberto E. **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Cartas de C. G. Jung**: volume I. Petrópolis: Vozes, 2003a.

JUNG, Carl Gustav. **Cartas de C. G. Jung**: volume III. Petrópolis: Vozes, 2003b.

JUNG, C. Gustav. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação**: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.

SCHNEIDER–HARPPRECHT, Christopher; ZWETSCH, Roberto E. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER–HARPPRECHT, Christopher; ZWETSCH, Roberto E. **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

SILVA, Leonardo Machado da. **Psicologia & Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

TEIXEIRA, Evilásio. Prefácio. In: SILVA, Leonardo Machado da. **Psicologia & Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

TEOLOGIA. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/teologia/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

ULANOV. **Compêndio da Cambridge sobre Jung**. 1. ed. Madras, 2020.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **O amor e seus destinos**: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise. 2. ed. Sinodal, 2011.